

1

Ele não deveria ter parado. O caso não era seu. Nem sequer estava de serviço. Porém o inspetor-detetive Anthony McLean nunca conseguia resistir a algo que havia nas luzes azuis intermitentes, no furgão da perícia, nos policiais montando barreiras.

Ele havia crescido nesse bairro, nessa parte rica da cidade, com suas residências cercadas por grandes jardins murados. Ali moravam fortunas antigas, e fortunas antigas sabiam como se proteger. Era muito improvável ver um vagabundo andando sem rumo por essas ruas, quanto mais um crime grave, mas agora duas viaturas bloqueavam a entrada de uma casa imponente, e um policial uniformizado estava ocupado desenrolando uma fita azul e branca. Ao se aproximar, McLean empunhou sua identidade.

— O que está havendo?

— Houve um homicídio, senhor. Foi tudo que me disseram. — O policial atou a fita numa extremidade e seguiu para a outra. McLean olhou para a extensa entrada de carros que levava à casa. Um furgão da perícia havia entrado de ré até a metade do caminho, e suas portas estavam escancaradas; uma fileira de policiais avançava aos poucos pelo gramado com os olhos baixos em busca de pistas. Não faria mal dar uma olhada, ver se poderia fazer algo para ajudar. Afinal, ele conhecia a área. Depois de passar por baixo da fita de isolamento, ele subiu pela entrada de carros.

Atrás do furgão branco castigado, um Bentley preto reluzente cintilava sob a luz noturna. Ao seu lado, o motor de um velho Mondeo enferrujado era desligado. McLean conhecia muito bem esse carro, assim como seu dono. O inspetor-chefe Charles Duguid não era seu oficial superior predileto. Se essa era uma de suas investigações, a vítima devia ser importante, o que também explicaria o grande número de policiais convocados.

— Mas que merda que você está fazendo aqui?

McLean voltou-se na direção da voz familiar. Duguid era consideravelmente mais velho que ele, tinha uns 50 e poucos anos, pelo menos; seu cabelo, ruivo no passado, agora rareava e ficava grisalho, seu rosto era co-

rado e enrugado. Um macacão branco de papel estava abaixado e preso na cintura, amarrado com um nó sob a barriga flácida, conferindo-lhe o ar de um homem que só tinha dado uma saidinha para fumar um cigarro.

— Eu estava passando e vi as viaturas na rua.

— E resolveu meter o nariz, né? Mas o que estava fazendo na área?

— Não tive a intenção de me intrometer na sua investigação, senhor. Só pensei que, bem, como cresci nas redondezas, talvez pudesse ajudar.

Duguid soltou um suspiro audível e seus ombros se arquearam de maneira teatral.

— Ah, bom. Como já está aqui, talvez possa ser útil. Vá falar com o patologista seu amigo. Veja que sacadas maravilhosas ele teve dessa vez.

McLean começou a ir para a porta da frente, mas foi interrompido pela mão de Duguid segurando seu braço com firmeza.

— E não deixe de me informar depois. Não quero que você saia de mansinho antes que a gente acabe aqui.

O interior da casa estava quase dolorosamente claro depois da suave escuridão que tomava conta da cidade lá fora. McLean entrou num amplo vestíbulo precedido por um saguão menor, mas ainda assim imponente. Lá dentro havia uma movimentação caótica de peritos vestidos com macacões brancos de papel, procurando impressões digitais e fotografando tudo. Antes que conseguisse dar mais de dois passos, uma jovem agitada lhe entregou um fardo branco enrolado. Ele não a reconheceu; uma nova recruta da equipe.

— O senhor vai querer vestir isso se for entrar. — Ela gesticulou rapidamente com o polegar para uma porta aberta no fim do corredor. — Está a maior sujeira, o senhor não vai querer estragar seu terno.

— Nem contaminar qualquer prova importante. — McLean agradeceu, vestiu o macacão e calçou os protetores de plástico antes de se dirigir à porta, mantendo-se na passarela colocada pelos peritos sobre o piso lustroso de madeira. Ao ouvir vozes lá dentro, ele entrou.

Era a biblioteca de um homem, com livros encadernados em couro revestindo as paredes sobre prateleiras escuras de mogno. Uma escrivaninha antiga, sem nada em cima além de um mata-borrão e um celular, ficava entre duas janelas altas. Duas poltronas de espaldar alto ladeavam uma lareira ornamentada, posicionadas de frente para um fogo apagado. A da esquerda estava desocupada, com roupas bem-dobradas sobre o braço. McLean atravessou a sala, contornou a outra poltrona com a atenção imediatamente

voltada para a pessoa que estava sentada ali e franziu o nariz com o mau cheiro repulsivo.

O homem parecia quase calmo, as mãos pousadas nos braços da poltrona, os pés levemente separados no chão. O rosto pálido e os olhos voltados para a frente com uma expressão vidrada. Sangue negro escorria de sua boca fechada, pingando pelo queixo, e, a princípio, McLean achou que ele estivesse usando um casaco de veludo escuro. Então viu as entranhas, formas helicoidais cinza-azuladas e brilhantes, caídas em direção ao tapete persa que cobria o piso. Não era veludo, não era casaco. Duas figuras de branco estavam agachadas ao lado, pelo jeito sem querer apoiar os joelhos no tapete ensopado de sangue.

— Santo Cristo. — McLean cobriu a boca e o nariz, protegendo-se do cheiro ferroso de sangue e do odor mais forte de excremento humano. Uma das figuras olhou para o lado, e ele reconheceu o patologista, Angus Cadwallader.

— Ah, Tony. Veio fazer parte da festa? — Ele se levantou, entregando uma coisa escorregadia para sua assistente. — Tracy, pegue isso, por favor.

— Barnaby Smythe. — McLean se aproximou.

— Eu não sabia que você o conhecia — disse Cadwallader.

— Ah, sim. Eu o conhecia. Não muito, quero dizer. É a primeira vez que venho aqui. Mas, pelo amor de Deus, o que aconteceu com ele?

— Dagwood não o pôs a par?

McLean olhou em volta na expectativa de ver o inspetor-chefe Duguid bem atrás dele, fazendo uma careta por causa do uso informal de seu apelido, inspirado nos quadrinhos. Mas além da assistente e do morto, eles estavam a sós no aposento.

— Na verdade, ele não ficou muito feliz em me ver. Acha que estou a fim de roubar a glória dele outra vez.

— E você está?

— Não. Estou de folga, estava indo até a casa da minha avó e notei as viaturas... — McLean percebeu o sorriso do patologista e se calou.

— Por falar nisso, como vai Esther? Alguma melhora?

— Não, na verdade não. Vou vê-la mais tarde. Quer dizer, se não ficar preso aqui.

— Só imagino o que ela acharia de tudo isso. — Cadwallader acenou com a mão enluvada e manchada de sangue para os restos do que um dia fora um homem.

— Não faço ideia. Com certeza, uma coisa horrível. Vocês patologistas são todos iguais. Então me conte o que aconteceu, Angus.

— Pelo que posso afirmar, ele não foi amarrado nem detido de modo algum, o que poderia sugerir que estava morto quando fizeram isso. Mas há sangue demais para que seu coração não estivesse batendo quando começou a ser retalhado, então é bem provável que estivesse drogado. Vamos descobrir isso quando tivermos os laudos do exame toxicológico. Na verdade, a maior parte do sangue vem daqui. — Ele apontou para um talho na pele que circundava o pescoço do morto. — E julgando pelo borriffo nas pernas e na lateral da poltrona, isso foi feito depois de removerem as entranhas. Imagino que o assassino fez isso para tirá-las do caminho enquanto remexia lá dentro. Todos os órgãos internos parecem estar no lugar, exceto por um pedaço do baço, que está, faltando.

— Doutor, tem alguma coisa na boca dele — disse a assistente, levantando-se, os joelhos rangendo em protesto. Cadwallader alertou o fotógrafo e depois se curvou, forçando os dedos entre os lábios do morto para abrir os maxilares. Logo puxou algo viscoso, vermelho e liso. McLean sentiu a bile subir até a garganta e reprimiu a ânsia de vômito quando o patologista levantou o órgão para a luz.

— Ah, aqui está. Excelente.

4

Pela janela do carro, McLean via passar a região que concentrava as indústrias leves, os outlets, lojas e depósitos sujos, e em seguida as torres pairando a meia distância sobre uma névoa de poluição marrom-acinzentada. Sighthill era uma dessas partes da cidade que eles não mostravam nos folhetos turísticos, um acúmulo suburbano de conjuntos habitacionais transbordando em direção à via perimetral que passava pela antiga estrada Kilmarnock, dominada pela massa imponente da arquitetura brutalista da Stevenson College.

— Sabemos mais alguma coisa sobre o caso? O senhor disse que encontraram um corpo.

McLean ainda não conseguia se acostumar com Bob Rabugento lhe chamando de “senhor”. O sargento-detetive era 15 anos mais velho que ele e, até pouco tempo atrás, eles tinham a mesma patente. Mas no instante em que McLean foi promovido a inspetor, Bob Rabugento parou de chamá-lo de Tony, mudando para senhor. Tecnicamente, ele estava certo, mas ainda era estranho.

— Também não estou a par dos detalhes. Apenas um corpo encontrado num canteiro de obras. Pelo jeito, a superintendente-chefe disse alguma coisa sobre ser o caso certo para alguém como eu. Não tenho certeza de que tenha sido um elogio.

Bob Rabugento não disse nada por um tempo, conduzindo o carro por um confuso labirinto de ruas transversais com idênticas casas cinzentas geminadas. Um ou outro toque pessoal — uma porta de cor diferente ou uma iluminação moderna — marcava as poucas residências que não pertenciam à prefeitura. Finalmente, eles viravam numa rua estreita com muros de seixos bloqueando a visão de jardins minúsculos dos dois lados. No fim da rua, incompatível com o amontoado de casas de operários, ficava um conjunto de portões. Grandiosos no passado, com seu ferro ornamentado soterrado por hera, agora eles pendiam de dois pilares de pedra num ângulo perigoso. Um cartaz no da esquerda dizia: OUTRO EMPREENDIMENTO DE PRESTÍGIO DA MCALLISTER HOMES.

A casa logo atrás era de estilo baronial escocês, de quatro andares, com janelas altas e estreitas e uma torre redonda se projetando num canto. Andaimas davam apoio à extremidade de um frontão, e o que restava do que um dia fora um grande jardim agora estava cheio de furgões da construtora, caçambas, barracões móveis e resíduos próprios do empreendimento. Havia duas viaturas diante das portas de entrada, vigiadas por uma única policial, que deu um sorriso cansado para McLean quando este lhe mostrou sua identidade. Ela os conduziu para a escuridão do vestíbulo. Estava frio ali em comparação ao calor lá fora, o que o deixou arrepiado e lhe provocou um estremecimento involuntário na espinha.

A policial notou.

— É, aqui é assim. Assustador.

— Quem encontrou o corpo?

— O quê? Ah. — A policial pegou seu bloco de anotações. — O Sr. McAllister nos telefonou. Parece que seu mestre de obras, o Sr. Donald Murdo, de Bonnyrigg, estava trabalhando até tarde ontem à noite, arrumando umas coisas no porão. Ele teve o maior choque quando... O senhor sabe.

— Ontem à noite? — McLean parou tão repentinamente que Bob Rabugento quase colidiu nele. — A que horas fizeram a chamada?

— Por volta das seis.

— E o corpo ainda está lá?

— Está, quer dizer, eles estão acabando agora. Estavam meio ocupados ontem à noite, e isso não foi considerado prioridade máxima.

— Como um cadáver pode não ser prioridade máxima?

A policial lhe lançou um olhar que só poderia ser descrito como reprovador.

— O médico-legista declarou o óbito às sete e quinze da noite de ontem. Isolamos a cena do crime, e desde então eu estou aqui de olho. Não é culpa minha se metade da equipe da perícia foi ao pub ontem à noite e, para ser franca, acho que alguém da Divisão de Homicídios devia ter vindo um pouco antes também. Há lugares bem melhores para se passar a noite.

A passos pesados, ela desceu as escadas que levavam ao porão. McLean ficou tão atônito com a explosão que não pôde fazer nada além de segui-la.

Um cenário elaborado os recebeu ao chegarem à base da escadaria. Cabos grossos deslizavam pelo chão empoeirado em direção a vários holofotes potentes; caixas brilhantes de alumínio estavam abertas com seu

conteúdo empilhado em volta; uma passarela portátil estreita fora montada no meio do corredor principal, mas ninguém a estava usando. Meia dúzia de peritos se ocupava guardando as coisas. Apenas uma pessoa notou a chegada deles.

— Tony. O que foi que você fez para irritar Jayne McIntyre logo no início de suas novas funções?

McLean abriu caminho entre a poeira e os equipamentos até o fundo do porão. Angus Cadwallader estava ao lado de um buraco enorme na parede, de onde vinha uma forte iluminação. O patologista parecia inquieto, diferente de seu modo alegre e irreverente de ser.

— Irritar? — McLean se curvou para olhar dentro do buraco. — O que você tem para mim dessa vez, Angus?

Do outro lado, estendia-se um cômodo grande e circular, com a parede lisa e branca. Quatro holofotes tinham sido montados, todos voltados para o centro da sala e para baixo, como se seu objeto fosse alguma estrela promissora dos palcos. Com braços e pernas abertos e esticados, dissecada e brutalizada, era improvável que ela fosse receber aplausos.

— Não é uma visão agradável, é? — Cadwallader pegou um par de luvas de borracha do bolso do macacão e o entregou a McLean. — Vamos ver mais de perto?

Eles passaram pela abertura estreita aberta na parede, e McLean sentiu instantaneamente a temperatura cair. Os ruídos da equipe de peritos cessaram, como se ele tivesse fechado uma porta. Olhando para trás, ele sentiu uma vontade súbita de sair do cômodo oculto, não tanto por medo, mas pela pressão em sua cabeça, que o forçava para longe. Superando isso com alguma dificuldade, ele voltou a atenção para o corpo.

Ela era jovem. McLean não tinha certeza de como sabia, mas algo na estrutura pequena do corpo dava a entender que aquela foi uma vida interrompida antes que tivesse realmente se iniciado. Seus braços estendidos numa paródia de crucificação; pregos de ferro preto martelados em suas palmas, com as cabeças entortadas para impedi-la de movê-las. O tempo deixara sua pele seca como couro, repuxando suas mãos em forma de garras, o rosto transformado numa expressão de pura agonia. Ela usava um vestido simples de algodão com estampa floral que tinha sido puxado acima de seus seios. A propósito, McLean notou o quanto a roupa parecia datada, mas o detalhe logo se perdeu conforme ele assimilava todo o resto.

Seu abdômen tinha sido aberto com um corte preciso que ia do meio das pernas até o meio dos seios, a pele e os músculos torcidos como uma flor apodrecendo. As costelas brancas apareciam em meio à cartilagem escura e seca, mas nada restava de seus órgãos internos. Mais abaixo, suas pernas estavam bem separadas, os quadris desarticulados, de modo que os joelhos quase tocavam o chão. Sua pele havia se retesado como carne seca sobre os músculos murchos, cada osso claramente visível até os pés delgados, pregados no chão como as mãos.

— Meu Deus. Quem poderia fazer uma coisa dessas? — McLean se virou, olhando para as paredes nuas em volta, acima das luzes. Em seguida para os holofotes, como se olhar para a claridade fosse apagar a imagem de sua mente.

— Talvez uma pergunta mais pertinente fosse quando isso foi feito. — Cadwallader, que se abaixava do outro lado do corpo, pegou uma caneta-tinteiro bem cara e usou-a para apontar várias partes dos restos mortais da garota. — Como dá para ver, algo evitou sua deterioração, permitindo que uma mumificação natural ocorresse. Os órgãos internos foram retirados, provavelmente descartados em algum outro lugar. Vou ter que fazer alguns exames depois de levá-la para o necrotério, mas não acredito que tenha sido morta há menos de 50 anos.

McLean se levantou, estremeando de leve por causa do frio. Ele queria desviar o olhar, mas seus olhos não paravam de ser arrastados para o corpo a seus pés. Ele quase sentia a agonia e o terror que a garota tinha passado. Ela estava viva, pelo menos no início dessa provação. Disso ele tinha certeza.

— É melhor mandar uma equipe removê-la — disse ele. — Não sei se os peritos vão conseguir algo de útil do piso, mas vale a pena tentar.

Cadwallader assentiu e saiu do cômodo, desviando do entulho de tijolos que se espalhara quando o operário fizera o primeiro buraco. A sós com a morta, McLean tentou imaginar como devia ser o lugar quando ela morreu. As paredes eram de gesso branco; o teto, uma abóboda de tijolos pintados de branco, com seu cume bem acima do cadáver. Se fosse uma capela, ele esperaria encontrar um altar bem do lado oposto ao vão da porta fechado com tijolos, mas não havia nenhuma ornamentação ali.

Os holofotes lançavam sombras estranhas sobre as tábuas escuras de madeira do piso, fazendo com que parecessem quase ondular quando McLean se levantou, aguardando que alguém retornasse. Ele achou as

formas hipnóticas, glifos curvos a intervalos regulares num círculo amplo, talvez quase a 1 metro da parede. Balançando a cabeça para se livrar da ilusão, ele saiu do alcance da iluminação central dos holofotes e parou de repente. Sua sombra tinha se movido, planando no chão, em quatro tons diferentes. Mas o padrão do piso havia permanecido sólido embaixo dele.

Curvando-se, ele examinou mais de perto as tábuas do piso. Estavam polidas e lustrosas, apenas levemente empoeiradas, como se o cômodo tivesse ficado hermeticamente fechado até a parede ser aberta. A luz dos holofotes o confundia, então ele pegou uma lanterna no bolso e apontou-a para os padrões no piso. Eram escuros, quase indistinguíveis da madeira. Emaranhados elaborados de linhas, que engrossavam e afinavam conforme se entreteciam para formar uma complexa espiral. A borda de um círculo gravado no piso corria em duas direções. Ele a seguiu no sentido anti-horário, notando mais cinco marcas intrincadas, todas equidistantes. A linha entre a primeira e a última fora cortada pelo entulho caído do vão da porta emparedada.

Pegando seu bloco, McLean tentou fazer esboços básicos dos sinais, observando sua relação com a posição da morta. Eles se alinhavam perfeitamente com as mãos e os pés esticados, a cabeça e o ponto central entre as pernas.

— O senhor está pronto para a remoção do corpo?

McLean teve um sobressalto, virou-se e viu Bob Rabugento espiando pelo buraco aberto na parede.

— Onde está o fotógrafo? Dá para você pedir para ele voltar aqui outra hora?

Bob se virou e gritou algo que McLean não conseguiu entender direito. Um instante depois, um homem baixo enfiou a cara dentro do cômodo. McLean não o reconheceu; outro novo recruta da perícia.

— Olá. Tirou fotos do corpo?

— Sim — respondeu ele com um sotaque de Glasgow, sucinto e meio impaciente. Muito justo. Ele também não queria estar ali.

— Fotografou alguma dessas marcas do piso? — McLean apontou para a mais próxima, mas a expressão intrigada do fotógrafo respondeu a sua pergunta. — Aqui, veja. — Ele gesticulou com o dedo para que o homem entrasse e apontou para o chão com a lanterna. Por um instante fugaz ele viu uma coisa, que logo sumiu.

— Não estou vendo nada. — O jovem se agachou para olhar. McLean sentiu um cheiro forte de sabonete e percebeu que foi o primeiro odor que sentiu depois de ter entrado ali.

— Bem, de qualquer modo, pode fotografar o piso? Todo o trecho em volta do corpo. Assim distante da parede. Em close.

O fotógrafo fez que sim, olhando nervosamente para a figura silenciosa no centro da sala, e depois se concentrou no trabalho. O disparador do flash da câmera estalava e soltava um lamento entre cada recarga, pequenas explosões de luz no cômodo. McLean se endireitou e agora concentrava sua atenção na parede. Comece pelo corpo e vá se expandindo. Através da proteção fina das luvas, sentiu o gesso frio, depois virou a mão e bateu na superfície. Soava uniforme e sólida, como pedra. Indo um pouco para o lado, bateu novamente. Ainda sólido. Olhando sobre o ombro, ele foi dando a volta até ficar na direção da cabeça da garota. Dessa vez os nós de seus dedos produziram um som oco.

Ele bateu de novo e, sob a luz confusa da lanterna e das sombras lançadas pelos holofotes, a parede pareceu arquear sob a pressão. Virando a mão, ele empurrou devagarzinho, sentindo-a ceder sob seus dedos. Então, com um estalo semelhante a ossos quebradiços, um painel de uns 30 centímetros de comprimento e metade disso de altura ruiu da parede. O painel ocultava um pequeno nicho, e algo molhado cintilava lá dentro.

McLean pegou novamente a lanterna e dirigiu o raio de luz para dentro do nicho. Havia um fino anel de prata sobre um pedaço dobrado de pergaminho, e atrás, conservado num vidro, como uma amostra numa sala de aula de biologia, havia um coração humano.